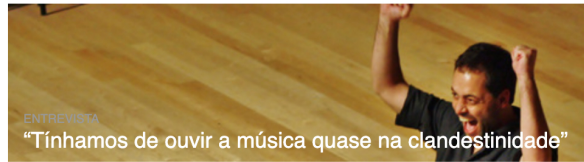


Via Latina Ad Libitum



INÍCIO ENTREVISTA CRÓNICA & CRÍTICA OPINIÃO AGENDA HISTÓRIA COLABORA!



ÀS VOLTAS COM O CÉREBRO

6 DE DEZEMBRO DE 2012 POR DANIELA PROENÇA | FOTOS POR DANIELA PROENÇA

Esteve patente no centro de neurociência e biologia celular a produção “MIM – My Inner Mind” da Marionet até ao ido dia 1. Uma reflexão criativa em forma de viagem, sobre o cérebro, com uma abordagem não tão científica mas vincadamente imaginativa.

Na passada noite de sábado quem no edifício da faculdade de medicina entrou para assistir à última apresentação de MIM já carregava consigo uma leve imagem daquilo que o serão lhes reservara.

Antes do ato se iniciar a assistência é convidada a vestir batas brancas iguais às que os próprios atores usam em determinadas cenas, revelando a íntima relação que se pretende criar com o público, transportando-o para a própria encenação. Com o empurrão de acordes musicais tirados ao vivo, o grupo apresenta vagarosamente aquilo que é o desenvolver do cérebro, um pouco como um acordar que num ímpeto se transforma em energia desmedida. O público já esperava o carácter itinerante da peça mas ainda assim tem cautela e mostra-se receoso ao seguir os passos dos atores.

Somos conduzidos por três cérebros que vão surgindo, os dos atores, andando para trás e para a frente um pouco por todo o prédio, fazendo com que cérebros percam o sentido de localização, os do público. Atravessando o centro são notados diversos objectos, recolhidos pela Marionet sob a forma de “Memorião” e que contém as memórias abandonadas, esquecidas ou inapagáveis de quem com elas quis contribuir para a criação de novas lembranças. A certa altura todos somos confrontados com a chegada do momento. O momento em que as memórias antigas já não servem, não detêm combustível suficiente para serem eternamente o único alimento da alma. Tal não significa que nos perdemos delas nem implica que elas percam o nosso molde, a nossa identidade, apenas nos deixa disponíveis para gerar diferentes formas.

Nesta performance foi permitido fotografar e até filmar, dando desta maneira algum conforto ao cérebro por saber que conta com registos fidedignos desta reconstrução de reminiscências, guardando memórias de memória. Memórias daquilo que fomos, do que pensamos ter sido e do que nunca seremos. Guardamos tão bem memórias que por vezes temos dificuldade em encontra-las, e de cada vez que as recordamos um pedaço delas é alterado. Guardamos memórias que não são nossas, criamos novas lembranças do que nunca aconteceu. Um simples cheiro pode trazer consigo uma lembrança e evocar sentimentos outrora sepultados.

Qualquer ser humano, afásico ou bom conhecedor da linguagem, tem facilidade em identificar-se com este texto, rever-se em algumas das situações, e até pensar que lhe assaltaram o cofre das recordações, mas não fica depois a dispor de maior conhecimento sobre o cérebro, nem esse seria o objectivo. Apenas comprovada a certeza de que a emoção com que registamos cada vivência vai influenciar a memória que criamos dos factos. Nem sempre se conseguia apurar as frases inteiras, mas intuem-se as palavras e os gestos. Um local onde diariamente cientistas investigam foi palco para cérebros olharem outros cérebros. Pelo menos é o que a minha memória diz.